

MENSAGEM DOS EDITORES

Maria Helena L. Souza & Decio O. Elias

A perfusão está sofrendo intensas mudanças e também está em vias de adquirir uma nova forma. O futuro imediato parece que será bem diferente, em relação ao que a prática dos dias atuais requer dos perfusionistas. Mas, o que estará mudando mais depressa: a perfusão ou a cirurgia cardíaca? Acreditamos que ambos. E, sem sombra de dúvida, ao mesmo tempo. Na realidade, cirurgia cardíaca e perfusão são irmãs xifópagas. Uma não pode viver sem a outra. Mais do que isso, uma não poderá sobreviver sem a outra. Raramente se encontrarão dois campos de trabalho tão intimamente interligados, um sendo parte do outro, em tão perfeita simbiose. A teoria de ambas é perfeitamente sincronizada. E a prática? Bem, nessa área as diferenças são marcantes; tão marcantes que parecem ocorrer em pólos opostos de uma enorme esfera. Tanto sob o ponto de vista individual, de quem trabalha em uma das áreas, quanto sob o ponto de vista coletivo, referindo-se aqui às associações profissionais.

Psicólogos, religiosos e os "czares" da auto-ajuda costumam afirmar que cada um constrói o seu próprio futuro. Isso é absolutamente correto, quando se trata do futuro dos indivíduos. Mas, sem nenhuma dúvida, também é correto, quando se trata de uma coletividade. Desde que ela se comporte como um organismo vivo, autônomo, independente e coeso, em que todas as células estão em sintonia com a execução de um mesmo projeto de desenvolvimento e com os mesmos planos para o futuro.

Essa não é, entretanto, a situação dos perfusionistas em nosso país, nessa fatia do tempo em que abdicaram da união em torno de sua sociedade representativa. Sociedade e perfusionistas caminharam, ao longo dos últimos anos, por estradas diferentes, às vezes paralelas, às vezes opostas, sem que se encontrassem, a não ser ocasionalmente e para falar sobre amenidades. E quase sempre deixando as questões de maior relevância para um próximo encontro ou para uma ocasião mais oportuna. E, quando isso ocorria, ao invés do entendimento, da solidariedade e da união, havia mais afastamento. Curiosamente, todos ficaram cansados. Cansados de uma longa e monótona caminhada, dando voltas e passando muitas vezes pelos mesmos lugares, encontrando as mesmas pessoas, com as mesmas idéias e os mesmos projetos. Idéias e projetos que, para saírem do mundo virtual para o mundo real, precisavam do aval de conselheiros cujo poder de veto ia além do desejável.

E, como resultado, para usar o vocabulário da moda, a sociedade era uma ampla aeronave, tinha combustível, bons pilotos, pista em boas condições de uso, mas a torre de controle não autorizava a decolagem.

Quem tentar avaliar com seriedade, isenção e clareza, o conjunto de interesses que fez a sociedade dos perfusionistas estagnar no tempo e nos projetos, vai encontrar um jogo de forças fácil de entender. Que não é exclusivo do Brasil. Existe em todos os lugares onde se faz cirurgia cardíaca, uma pequena faixa de interesses que, às vezes, podem parecer conflitantes, mas, quando melhor analisa-

dos, são simplesmente visões diferentes de uma mesma realidade. Esses pequenos divisores, que podemos chamar de "conflitos de interesses", na falta de melhor qualificação, fazem com que uma minoria de cirurgiões cardiovasculares, por algumas razões, tenha interesse em que nada mude na perfusão e na representação dos perfusionistas. Por outro lado, a grande maioria dos cirurgiões, em todo o mundo, prefere uma perfusão cada vez mais científica e um perfusionista cada vez melhor preparado, para atender às necessidades da evolução do seu trabalho. Isto, porém, implica em algumas poucas concessões que, felizmente, estão dispostos a fazer, diante do grande retorno, inclusive financeiro, que uma perfusão de boa qualidade pode trazer.

A manutenção da aeronave "em terra" teve o efeito colateral de premiar aquela pequena minoria a que nos referimos, em detrimento da opinião da esmagadora maioria dos cirurgiões. Esta maioria apóia incondicionalmente os seus perfusionistas, tanto individual quanto coletivamente e torce para que a comunidade marque um reencontro com a sua sociedade.

Faz-se necessária uma grande renovação nos bastidores da sociedade e não apenas na sua fachada. É necessário que um grupo de colegas, com muito desprendimento e espírito coletivo, se disponha a oferecer a ajuda de que tanto precisamos. Trazendo na mochila um conjunto de bens preciosos, sem os quais nada se fará: a independência, o desejo de aprender com os próprios erros, a vontade

de de gerenciar os seus destinos, a mão estendida a todos os que precisam de ajuda e o total desapego a compromissos antigos, se estes não atenderem às prioridades e aos anseios dos perfusionistas.

A primeira e mais importante medida para a construção do futuro é esquecer o passado. O passado é passado. Não volta e, acima de tudo, não pode ser modificado. É melhor e mais produtivo planejar o futuro. Esse, sim, pode e deve ser moldado conforme as nossas necessidades. O futuro pode ser melhor ou pior do que o passado. Tudo depende do que fizermos no presente. Se você concorda com isso, faça a sua parte. E se você discorda, faça alguma coisa. Mas, por favor, façamos todos alguma coisa voltada para a nossa coletividade. Não há a menor possibilidade de as coisas acontecerem enquanto imaginarmos que a responsabilidade de trabalhar pelo bem comum é dos outros, e não nossa. E o mais simples que você pode fazer por você mesmo e pela sua profissão é comparecer às reuniões da sociedade e apoiar as propostas que você acha que podem ser úteis à nossa coletividade e não apoiar as propostas que não são claramente do interesse da nossa profissão. Vamos decolar a nossa aeronave, rumo ao futuro. Que ela possa, sob o nosso comando, alçar voo e nos levar até onde desejamos, com a segurança que precisamos, orientados por nossos próprios planos de viagem. Nosso destino é servir aos pacientes com dedicação, competência e responsabilidade. E decidir a rota a seguir em nossa própria sociedade.